

# PORTUGAL

em cores

## O 1.º DE MAIO

exclusivo

### IA HISTÓRIA SECRETA DA REVOLUÇÃO

### FOTOS DE CAETANO E TOMÁS NO EXÍLIO

encarte especial

## ESPANHA 74

### O GIGANTISMO DE SÃO PAULO

### CHACRINHA

A guerra não acabou

### A SELEÇÃO NA HORA DA VERDADE

SILVIA FALKENBURG: do soçaito para o cinema



Rio de Janeiro  
18 de maio de 1974  
N.º 1.152 — Ano 21  
DPF/DCDP — 244.P.209/73



**PORTUGAL**, após um longo pesadelo de quase 50 anos, vive agora o choque do futuro. As impressionantes imagens das comemorações do 1.º de Maio — cobertura feita por nossos enviados especiais Irineu Guimarães e Paulo Scheuenstuhl — mostram o clima de euforia vivido por portugueses de todas as classes e idades. Unidos na vitória, os lusos aparecem também unidos na luta contra os problemas herdados do salazarismo, como dá a entender a própria Junta de Salvação Nacional, ao admitir a possibilidade da "coexistência pacífica entre ideologias diferentes no país". Aqui no Brasil, um tipo diferente de choque do futuro é enfrentado por São Paulo, cujo crescimento pode ser visto como uma imposição do determinismo histórico, enquanto no interior do país ocorre um fenômeno típico de choque do passado: a estranha ressurreição do Padre Cícero na figura carismática de um capuchinho, Frei Damião. Outro guru de massas focalizado nesse número é Abelardo Chacrinha Barbosa. Recomendando também o perfil do Ministro Reis Velloso por Joel Silveira.

**ROBERTO MUGGIATI**



**Voltou** o romantismo da moda dos anos 20, 30 e 40.

**Em Lisboa, Dirceu Nascimento entrega MANCHETE ao General Spínola.**



**Em reportagem especial, uma visão panorâmica da nova educação em todo o Brasil.**



**A cores, imagens do fabuloso crescimento da cidade de S. Paulo.**



**Um documento sensacional: Frei Damião, o exorcista do Nordeste. Em Los Angeles, esta jovem diz e prova que é filha de Marilyn Monroe.**



**Chacrinha: o repouso do velho guerreiro.**

**BLOCH EDITORES S.A.**

**Repórteres:** Ney Bianchi, Ibrahim Sued, José Rodolpho Cilmara, Derval Ferreira, Sérgio Ross, Dirceu Soares, Celso Kinjô, Fernando del Corso, Marco Aurélio Borba, Irineu Guimarães, Atensia Feijó.  
**COLABORADORES:** Paulo Mendes Campos, Pedro Bloch, Flávio de Aquino.  
**ARTE:** Wilson Passos  
**FOTOGRAFIA:** Nicolau Drei  
**PRODUÇÃO:** Nelson Sampaio  
**PROMOÇÃO E PROPAGANDA:** Francisco Lins  
**CIRCULAÇÃO:** Francisco Távora Heitmann, Antônio da Costa Filho  
**DEPARTAMENTO COMERCIAL:** Roberto Vasconcelos, Paulo Pouchina  
**PUBLICIDADE:** Roberto Werneck Antunes, Francisco Augusto Nascimento  
**MARKETING:** Marlene Bregman  
**ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO:** Rua do Russell, 804  
Tel.: 265-2012  
Telex: 031-765, Rio de Janeiro  
**CIRCULAÇÃO:** Rua Frei Caneca, 511  
Tel.: 232-4355 e 231-3965, Rio de Janeiro

**MANCHETE**

DPF/DCDP — 244.P.209/73

**DIRETOR-EDITOR:** Justino Mariani  
**DIRETOR-EXECUTIVO:** Zevi Ghislerie

**REDATORES:** R. Magalhães Júnior, Roberto Muggiati, Maurício Gomes Leite, Helonisa Studert, Wilson Cunha

**PARQUE INDUSTRIAL:** Rua Cordóvil, 520, Lucas  
Tel.: 391-6000, Rio de Janeiro  
**DISTRIBUIÇÃO:** Distribuidora Imprensa Ltda.  
Rua do Resende, 100  
Tel.: 244-3177, Rio de Janeiro  
**BRASILIA:** Newton Rossi, Jader Neves  
Setor de Indústrias Gráficas, lote 939. Tels.: 23-8163 e 23-9738.  
**SAO PAULO:** Salomão Schwartzman, Expedito Grossi  
Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar.  
Tel.: 37-9591, Telex: 021-416  
**MINAS:** Lúcio Portella  
Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar.  
Tel.: 24-7107, Belo Horizonte  
**RIO GRANDE DO SUL:** Edgard Wallau Junior  
Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar.  
Tel.: 246-744, Porto Alegre.  
**PERNAMBUCO:** Maria Daisy Cavalcanti  
Av. 4 de Outubro, 62. Tel.: 226-807. Recife  
**BAHIA:** Carlos Olympio de Azevedo Neto  
Rua Chile, 22 - 11.º andar  
Tel.: 3-7187 - Salvador  
**PARÁ:** Isaac Soares  
Rua Campos Sales, 268, conj. 901  
Tel.: 22-6845

**PARANÁ:** Bayard Osna  
Rua Marechal Deodoro, 211, conjunto 805  
Tel.: 24-5263, Curitiba.  
**NOVA IORQUE:** Sérgio Alberto Cunha  
680 Fifth Avenue, room 1.302  
New York — NY 10.019. Tels.: 246-8870 e 246-8871, Telex: RCA-224440  
W.U.I.: 62464  
**PARIS:** Sylvio Silveira  
42, Cours Albert-1er  
3ème étage-droit, Paris 8  
Tels.: 656-3243 e 256-3223. Telex: 26240  
**LISBOA:** Maria do Amparo  
Rua Castilho, 77 — Loja 3  
Tels.: 56-3181 e 56-3182. Telex: 1213  
**MILÃO:** Daisy Benvenuti  
Largo Corsia del Servi, 11  
Milano 20121 — Itália  
Tel.: 79-4311  
**TOQUIO:** Angel Esteves Dominguez  
Gotanda Daiwa Mansion Room, 503  
10-15, Higashi — Gotanda 1 — Chome  
Shinagawa-Ku — Japão  
Tels.: 445-4376 e 445-4363

**Manchete é ASSOCIADA DO** **IMPRESSA COM TINTAS BLOCH**

Irineu Guimarães e Paulo Scheuenstuhl, enviados especiais de MANCHETE, assistiram em Lisboa às festas com que os portugueses comemoraram, em plena liberdade, o Dia do Trabalho

# 1.º DE MAIO EM PORTUGAL



COMO UNIDO  
UNAS SE UNINDO

TRABALHADORES  
MOVIMENTO DE LUTA  
FINALMENTE

COMITÊ DE LUTA

ESTA OCUPA  
SECÇÃO DE EXERCÍCIOS  
EM NOMES  
DE ESCOLÁRIO

SABER PÓS-SABER  
TEMOS DO Povo TRABALHADOR

TRABALHADORES  
CAIXA DE DEPOSITOS

O Povo  
VEM

VIVA A LUTA  
IMEDIATA  
PLA FREL

GUERRA  
RECONHECIMENTO  
VERGONHA AISSAI

VIVA A CLASSE  
OPERARIA

FITA  
GUERRA COLONIAL

VIVA A CLASSE OPERARIA  
VIVA O PCP

Simbolo da revolução, o cravo vermelho transformou-se rapidamente no elemento de uma unidade nacional. Militares e civis, portugueses acima de tudo, uniram-se na comemoração do 1.º de Maio com tranquilidade exemplar.



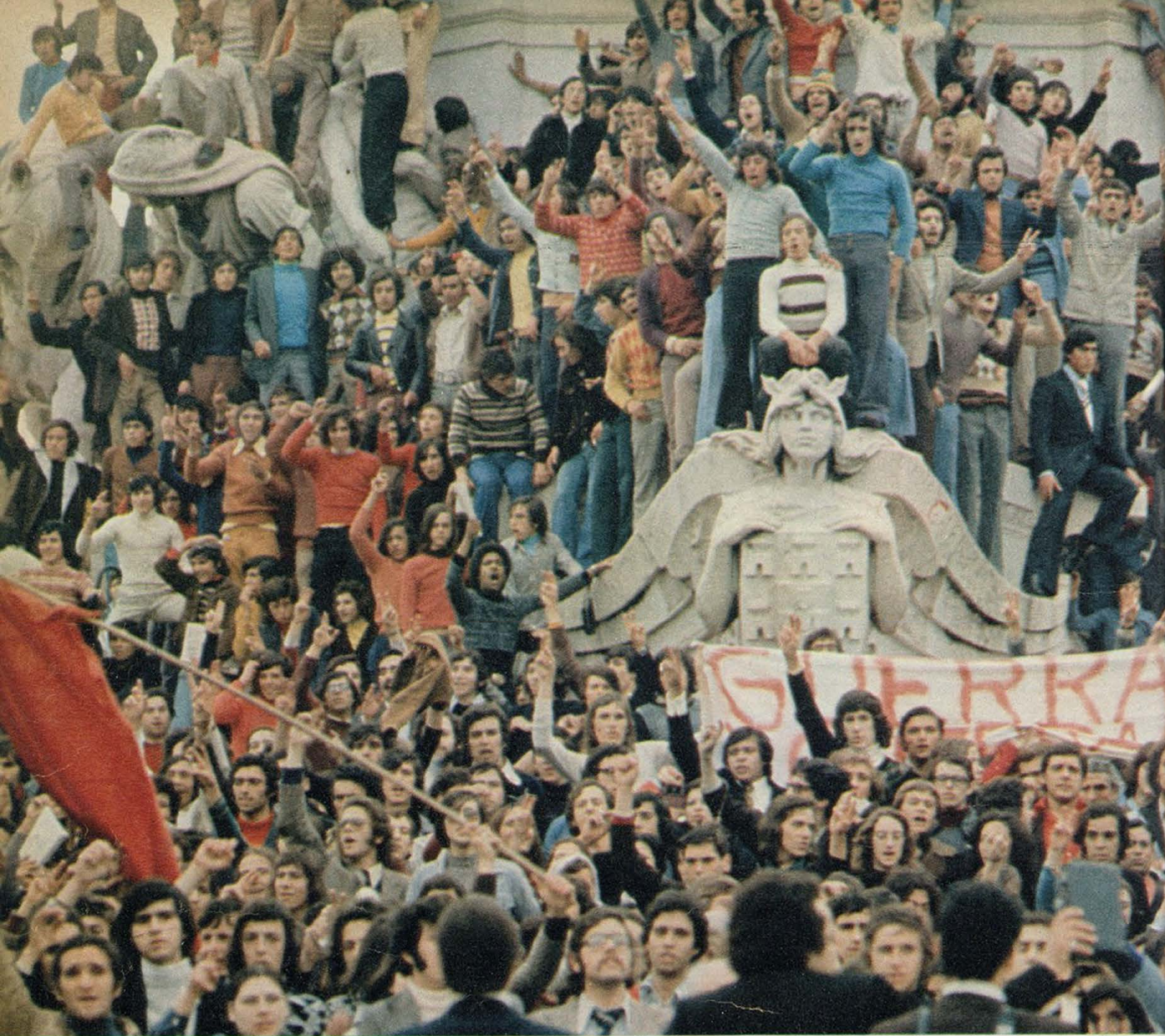
Erguido, em outra época, para outro tipo de manifestação. Estádio das Juventudes de Lisboa acolheu a maior concentração do 1.º de Maio. Aqui, os líderes políticos de várias facções discursaram.

**Parecia um sonho: pela primeira vez, há quase 50 anos, o Dia do Trabalho era feriado. E todos podiam gritar tudo o que pensavam**

A Junta de Salvação Nacional pedia à população para “evitar qualquer provocação e incidentes”. E mais de meio milhão de portugueses atenderam ao apelo. Era uma festa do povo, era a alegria do povo, e o próprio povo encarregou-se de vigiar (e vigiar-se) para que nada perturbasse o brilho da “maravilhosa Festa Nacional do Trabalho”, como a chamava o comunicado da Junta. Há quase 50 anos, não se via esta manifestação em Portugal; havia quem jurasse que o povo não saberia se comportar — afinal, quase duas gerações haviam se formado sob a ditadura de Salazar. Mas, como uma espécie de instinto, velhos e novos empunharam seus cravos. E, unidos, demonstraram entender que a perturbação da ordem só serviria aos “interesses daqueles que acabaram de ser derrubados” — como dizia, ainda, o comunicado da Junta.



De suas sacadas, elas viram o tempo escoar. De repente, era como se toda uma cidade entorpecida acordasse de seu sono, varando a noite dos tempos. Os rostos, como a cidade, floriram. E primavera.



Do palanque armado no Estádio das Juventudes, os líderes socialista Mário Soares e comunista Álvaro Cunhal clamaram o povo para a nova etapa da História: construção do Novo Portugal.

**Nas praças, avenidas ou no Estádio das Juventudes — agora chamado 1.º de Maio — a palavra de ordem era confraternização. E mesmo os líderes fizeram discursos moderados**



Até prédios em construção foram ocupados pela multidão em festa. E a edição de MANCHETE com cobertura completa sobre os acontecimentos de Portugal, que circulou em Lisboa no mesmo dia em que saiu no Rio, fez grande sucesso.

“Os portugueses passaram no teste.” Assim a imprensa de Lisboa, agora inteiramente livre de qualquer tipo de censura, apresentou o baloço do 1.º de Maio. Uma lição de civismo.



Os cravos, e também o vinho, eram distribuídos gratuitamente, sem avanço. Para surpresa de todos os observadores políticos, o povo foi com muita disciplina à fonte.



Até os oficiais do Corpo de Bombeiros aderiram ao cravo vermelho. Houve tempo em que a ordem era imposta. Hoje, é um estado de espírito.





Qualidade Q-refres-ko

NO DIA DAS MÃES, COMO EM TODOS OS OUTROS DIAS, VOCÊ PODE FAZER SUA MÃE IMENSAMENTE FELIZ. UM AGRADO MAIS CALOROSO, UMAS FLORES DO CAMPO E OUTROS GESTOS CARINHOSOS CONSEGUEM ISSO. COMO UM PACOTE DE BALAS SOFT. SUAS BALAS DELICIOSAS E MUITO COLORIDAS TÊM A PUREZA DAQUELAS PEQUENAS COISAS QUE FAZEM A FELICIDADE DE QUEM A GENTE AMA. VOCÊ PERCEBE ISSO NO ROSTO DE SUA MÃE E NO BRILHO DE SEUS OLHOS. PARA ELA E PARA TODAS AS MÃES, GANHAR UM PRESENTE COMO BALAS SOFT É TÃO MARAVILHOSO QUANTO UM BEIJO E UM ABRAÇO INESPERADOS. E QUASE TÃO DOCE.

# Balas Soft. A fórmula da felicidade.

TONI

## Cada português que espeta um cravo na ponta do fuzil a esse ato uma dose de insuperável civismo

TEMOS de aprender a escrever, a dar uma notícia, a falar — finalmente — das coisas exatas com as exatas palavras. Temos de aprender — porque não sabemos utilizar certas palavras. Palavras que nos tinham roubado, que era proibido aparecerem no bico das nossas canetas. E, muito pior do que isso: palavras que nos tinham ensinado, metodicamente, a esquecer — assim começou seu artigo uma cronista num jornal de Lisboa, poucos dias depois de derrubado o regime português e abolida totalmente a censura.

E continuou: "Queremos agora escrever — e verificamos que temos o pensamento condicionado a um esquema de metáforas, de subentendidos, de ler nas entrelinhas, de que muito cedo não vamos conseguir libertar-nos. Mais grave do que a censura exercida em tudo quanto escrevamos foi, durante todos estes anos, a própria censura que, inconscientemente, cada um de nós já fazia ao que pensava."

Tudo que vem sendo dito e escrito — no rádio e na televisão, nos jornais e nas paredes, nos comícios e nas reuniões sindicais, nas ruas e nos cafés — desde o dia 25 de abril e culminando num entusiástico 1.º de maio, tudo anuncia bem alto o reencontro de um povo com a palavra.

Antes do 1.º de maio, muitos cidadãos de meia-idade — habituados a só pensar segundo os moldes impostos pelo regime caído — ainda se mostravam um pouco reticentes, deixando escapar de vez em quando a ideia de que "os portugueses não estão preparados para tanta liberdade". De fato, 48 anos de ditadura podem não ser a melhor escola de liberdade, mas quem disse que ela se aprende na escola? Aquela observação, um cidadão respondeu: "Nós, portugueses, ainda temos um crédito de 48 anos para usar desastrosamente a liberdade, antes de aprendermos e usá-la sabiamente."

O 1.º de maio — o primeiro em Portugal — provou, no entanto, que não será necessário tanto tempo. Estima-se que mais de 5 milhões de pessoas foram às ruas, com cravos vermelhos nas lapelas e lágrimas nos olhos. O 1.º de maio foi, acima de tudo, uma lição de maioridade política, culminando um processo desencadeado logo no dia seguinte à tomada do poder, quando praticamente todas as associações de classe em Portugal começaram a se reunir para planejar a reconstrução do país. Muito contribuiu também a serenidade demonstrada pelos dois principais líderes esquerdistas exilados, Mário Soares e Álvaro Cunhal, que voltaram ao país como heróis e exortaram seus seguidores a identificar o seu movimento com o das Forças Armadas. E, acima de tudo, a prova de segurança dada pelo próprio General António de Spínola, que parece infenso a qualquer tentativa de golpe ou contragolpe, venha de onde vier.

SPÍNOLA será hoje talvez o militar mais experimentado do mundo. Soldado a vida toda, aprendeu cedo a dar e receber ordens — mas, na hora certa, soube também como desrespeitá-las. Tinha 16 anos, em 1926, quando Salazar tomou o poder. Fez carreira rápida e brilhante. Como subordinado, terá conhecido e participado dos anseios e inquietações dos seus pares. Como comandante das tropas na Guiné, dizia-se dele que se embrenhava na selva sem escolta e voltava com as luvas brancas imaculadas. De volta à pátria, foi aclamado como herói num dia e condenado ao ostracismo dois meses depois — sua exoneração, juntamente com a de seu superior, o General Costa Gomes, foi o golpe mais profundo que o governo Marcelo Caetano poderia ter imposto às forças Armadas, no sentido de desprestigiar-las, mas foi também, no fim das contas, o que uniu os militares contra o governo. Spínola foi, por fim, o militar que exi-

Fotos Magnum



Cercados pelos jovens, os marinheiros da Armada portuguesa retribuíram com sorrisos a sua popularidade. Quase todos levavam a flor simbólica no cano da arma.

giu uma solução política para a guerra no Ultramar, e que soube conduzir os seus insubordinados à vitória no dia 25 de abril.

Um jornalista europeu chamou o golpe em Portugal de "a revolução dos homens sem sono", referindo-se ao fato de que, nos primeiros três dias após a derrubada do governo, Spínola e seus companheiros de Junta trabalharam 24 horas por dia na consolidação da vitória. Toda a imprensa testemunhou essa maratona. Mas em nenhum momento ele pareceu se perturbar pelo triunfo. Não há registro de que tenha levantado a voz, carregado nos adjetivos ou emprestado excesso de ênfase a qualquer dos seus comunicados. Em vez disso, apenas um programa e a promessa de cumpri-lo, juntamente com o povo português.

PARECE ser este, aliás, o novo estado de espírito em Portugal. Como nunca antes, o povo se sente realmente parte de um processo. Cada cidadão que espeta um cravo na ponta da baioneta de um soldado e lhe fornece pão, água, cigarros ou apenas um sorriso, empresta a este ato uma dose de insuperável civismo.

Um dos itens do programa do Movimento das Forças Armadas, divulgado na própria noite da vitória, e que prometia devolver ao povo os seus direitos e "consciencializá-lo para as suas responsabilidades", parece ter sido facilmente atingido. Uma a uma, todas as repartições e serviços públicos, sindicatos, associações, escolas e outras entidades civis foram ocupadas, expurgadas de elementos notoriamente afetos ao antigo regime (em especial, os agentes da polícia política, infiltrados por toda parte) e tiveram os seus quadros de direção renovados. O traço comum dessas centenas de minirrevoluções foi o de cada uma delas enviar imediatamente uma nota de apoio às Forças Armadas — e um programa.

Mais do que todos, os jovens portugueses se sentem parte do processo. Até bem pouco, era comum a exclamação de espanto e a pergunta de qualquer turista nas ruas de Lisboa: "Onde estão os jovens deste país?" Natural-



Já não havia soldados nem civis, mas só portugueses — unidos pela esperança do futuro. Os diálogos surgiam espontâneos, com muita exuberância à lisboeta.

# O

povo português ainda não sabe exprimir com clareza o que quer, mas tem perfeita consciência daquilo que não quer" — afirmam os intelectuais moderados de Lisboa

EXATAMENTE 15 dias depois do desaparecimento do regime que dominou o país durante quase meio século, Portugal continua sendo, para os melhores analistas políticos da Europa, uma inquietante interrogação. Os fenômenos típicos das "situações explosivas" e das grandes "alterações da História" que ocorrem atualmente no território português possuem um conteúdo que ultrapassa as próprias dimensões de Portugal. Basta registrar a rapidez da migração de certos qualificativos. Em menos de uma semana, o que tinha sido apresentado ao mundo inteiro como um "golpe militar" passou a ser batizado de "revolução portuguesa".

Há sintomas que não enganam. Algumas medidas tomadas pelos militares só podem ser entendidas dentro de uma decisão oficial de desmantelar de vez todo o arcabouço das velhas estruturas. Significativamente, já se ouviu repetir em algumas rodas o slogan que encheu os muros de Paris em maio de 1968: "É possível que não saibamos direito o que queremos,

mas temos perfeita consciência daquilo que não queremos." O sinal mais eloquente deste rompimento definitivo com o passado constitui, sem dúvida alguma, o desmoronamento da velha polícia secreta de Salazar, a famosa PIDE, que Marcelo Caetano rebatizara sob o nome de Direção Geral de Segurança (DGS). Quando as autoridades militares de Lisboa colocaram os arquivos da PIDE à disposição dos jornalistas, todos entenderam que começava ali uma nova era. No fichário da PIDE, tudo estava perfeitamente registrado, passado a limpo, e mais bem catalogado do que uma biblioteca. Os

reporter inglês Alastair McQueen fez questão de ser fotografado no interior dos escritórios da PIDE, liberados à imprensa.

se precipitaram sobre o dossier dos terroristas bascos e da oposição espanhola. Mas o que mais impressionou os visitantes foi o caráter extremamente meticuloso da documentação e da organização em geral, desde as salas de interrogatório até o departamento de censura aos telefones. Alguns americanos se perguntavam como um país economicamente em desvantagem podia ter uma infra-estrutura policial tão perfeita.

Aliás, nos meios revolucionários vitoriosos ouve-se dizer que o primeiro triunfo não foi derrubar o governo, mas "furar" a PIDE. Foi a primeira vez em sua história que a PIDE "engoliu" senhas erradas. E este erro único foi fatal. O ódio dos portugueses à antiga polícia secreta é tão grande que a opinião nacional começa a se inquietar com o número de ex-agentes ainda foragidos. Calcula-se em cerca de 10 mil o número de funcionários oficiais da PIDE. Até agora só perto de 800 foram presos.

Os arquivos da PIDE permitem traçar um perfil bastante sombrio do antigo regime. Se-

gundo um militar graduado, este retrato é ao mesmo tempo "repugnante e apavorador". Ao nível da informação tudo era perfeito, ao nível da repressão tudo era terrível. Da lavagem cerebral à eliminação física dos "irrecuperáveis". E, na própria medida em que os militares levam ao conhecimento do público as técnicas de corrupção, de delação e as arbitrariedades monstruosas que se praticavam, aumenta a confiança do povo na Junta de Salvação Nacional. Corre em Lisboa que a "hora do pavor" soava sempre às 7h30min da manhã. Era a hora da PIDE. Hoje, os portugueses repetem com alívio a velha definição de democracia: "É um regime no qual, quando alguém bate à sua porta às 7h30min, você tem certeza de que é o leiteiro." O medo terminou, mas ficaram os reflexos. Num almoço com alguns jornalistas e críticos literários de Lisboa ouvi um depoimento estranho: "Nós não sabemos escrever com liberdade. As idéias não vêm. Estamos condicionados pela censura." Pelas conversas dos grupos de rapazes e moças no Largo do Rossio, tem-se a convicção de que qualquer regressão é impossível também ao nível de outras estruturas. A começar pelos sindicatos. Vale ressaltar aqui a extraordinária habilidade com que os militares estão acompanhando as mudanças — e os excessos — que eles estimam provisórios. Sobretudo no setor da informação, o sangue-frio é extraordinário. Quando os jornalistas se apoderaram da sede de alguns diários, expulsando as direções comprometidas com o salazarismo, a reação das autoridades foi simples: "São questões que devem ser resolvidas entre profissionais." A estrutura do ensino será, com toda certeza, totalmente remodelada. É o setor em que o antigo regime apresentava suas maiores falhas e onde ocorriam os escândalos mais revoltantes. Marcelo Caetano costumava dizer que os "voluntários", isto é, os estudantes que trabalham para se manter, não são "nem bons estudantes nem bons trabalhadores". O ensino era privilégio de quem tinha posses. E os novos chefes se revoltam com o atraso geral do país. A frase de um deles é definitiva: "Vivendo na Europa continental, na segunda metade do século XX, não tínhamos o direito de ser tão pobres nem tão atrasados." E os jovens militares estão decididos a ganhar, neste setor, a corrida contra o tempo.

NO setor econômico, as perspectivas parecem sombrias. As autoridades repetem diariamente que ocuparam um país à beira da falência. As primeiras medidas são rigorosas, mas bastante hábeis. Sobretudo para evitar a evasão da moeda. Nos bancos, os correntistas só podem retirar uma quantidade máxima equivalente a Cr\$ 500,00 por dia. E os pagamentos mais vultosos são obrigatoriamente feitos através de cheques bancários, para estabelecer, durante essa fase, uma circulação de moeda escriturária. No plano propriamente político, os dados essenciais oferecem algumas contradições aparentemente inconciliáveis. Nos dois extremos temos, de um lado, um conjunto de militares, cuja imensa maioria foi moldada nos quadros do fascismo e, de outro, intelectuais de esquerda e exilados políticos que regressam em revoada ao solo pátrio. Entre esses ex-banidos figuram personalidades de valor reconhecido nos meios internacionais. Como o Professor Rui Luís Gomes, que ensinava Matemática no Recife, e que estaria sendo sondado para a pasta da Educação

do governo provisório. O líder socialista Mário Soares, bastante radical por trás de uma mansidão bovina, atualmente em tournée oficial pelas chancelarias européias, seria o novo ministro do Exterior. Quanto a Alvaro Cunhal, secretário-geral do PC português, ocuparia a pasta do Trabalho no governo de união nacional. Sua palavra de ordem comporta essencialmente "uma colaboração estreita, franca e eficaz com o Movimento das Forças Armadas". Entre os dois extremos estão a massa popular, ainda soleneta e pesada, e a burguesia um tanto inquieta. Num salão do Grémio Literário de Lisboa, que funcionou como câmara de mediações durante o golpe, seu presidente, Dr. Salles Lane, me explica longamente a estrutura espiritual de um português da alta burguesia, atualmente na faixa de 50 anos.

É um "instalado", com bagagem humanística adquirida num colégio jesuíta, doutorado em Direito, que recebeu, certo dia, uma "cantada" irresistível do regime. Uns conseguiram conservar a dignidade. Outros não resistiram à tentação e "passaram para a beira do tacho (paneira)". São os chamados "tachistas", que o povo apupou nas ruas desfilando com çarolas na mão. Esses não reconhecem mais seu país. No salão do industrial que me recebe, a televisão mostra uma manifestação de milhares de pessoas à frente do palácio onde estão confinados Marcelo Caetano e Américo Tomás, em Funchal. A multidão pede que "tiram esta malta de cá", porque "Madeira não é lixoira". A anfitriã cavilosa como uma lança antiga não contém sua indignação. O marido guarda um mutismo revelador.

E finalmente se chega à classe dos jovens militares, os chamados "200 capitães", que constituem a espinha dorsal da revolução. A opinião mundial ainda desconhece quanto esses capitães estão firmes e organizados. É ainda o Dr. Lane quem explica no salão do Grémio, que desempenhou papel de relevo durante os acontecimentos. Estes jovens militares são "milicianos", isto é, recrutas que ingressaram na tropa quando estudantes, que serviram nas guerras da África e que decidiram posteriormente continuar engajados.



O povo de Lisboa fez questão de desfilar pelas ruas, comemorando o 1.º de Maio, em companhia de fuzileiros navais, pára-quadistas e marinheiros. A alegria era uma só.

lane repete a definição geral: "Não são propriamente militares, são estudantes armados, que se impuseram como soldados e como líderes." Portugal inteiro sabe agora que o General Spínola sempre preferiu, a seus colegas de carreira, a companhia desses "milicianos". A identidade de pensamento é perfeita: impossibilidade de solução militar para uma guerra de guerrilha, incapacidade dos velhos dirigentes para encontrar uma solução política, perigo de regressão demográfica etc. Os assessores mais íntimos de Marcelo Caetano ficaram tão surpresos quando se viram cercados no Quartel do Carmo, que foi necessário um telefonema mais energético do Grémio Literário, para convencê-los a se render. Teor do telefonema: "Os tanques que aí estão não foram comprados em lojas de brinquedo. Foi-lhe dado um prazo para se entregar, e b tem-

po está a correr." O resto já é conhecido. Até a famosa frase de Marcelo Caetano, que vem escandalizando os meios mais politizados de Lisboa: "Não quero deixar o poder cair na rua!"

ESSES capitães têm uma doutrina, um objetivo e uma metodologia. Um oficial da Marinha me explica o essencial da doutrina, revelando que a ordem do dia em seus regimentos era a seguinte: "Democracia e disciplina são conciliáveis." O objetivo é simples: "Pagar o preço devido e correr os riscos necessários para consolidar o regime democrático no país." A metodologia comporta uma "escala de gradação de tolerâncias". Muito calmo, admiravelmente senhor de si, o porta-voz oficial da Junta de Salvação Nacional, Major Sanches Osório, explica que "o governo

## Jânio Quadros "Salazar se imaginava eterno, mas o futuro chegou"



O ex-Presidente Jânio Quadros, durante os poucos meses em que exerceu seu mandato, deu um novo impulso à política externa brasileira. Dentro deste contexto, foi o responsável pela política de aproximação mais estreita entre o Brasil e o continente africano. Em entrevista a MANCHETE, ele dá seu depoimento sobre a situação das colônias portuguesas, por ocasião da mudança de regime em Lisboa. Começa dizendo: "Os festejos da vitória democrática em Portugal me parecem um tríduo carnavalesco. Eu tenho medo da quarta-feira de cinzas." Parece pessimista. Mas logo a seguir se abre: "Acompanho com júbilo e apreensão o golpe de estado de Lisboa. O meio século, ou quase, da era salazarista é de um obscurantismo total. Não se deve falar mal dos mortos, mas porque exaltá-los mentirosamente?" Jânio recorda seu primeiro contato com Salazar, quando passou pela Europa como presidente eleito: "Tranquei-me com ele no salão de um convento. Propus a formação de uma confederação luso-brasileira: com a solidariedade do Brasil, Portugal começaria por liberar suas colônias. Salazar irritou-se.

E atalhou: "Portugal não tem colônias, Presidente Jânio. Estas províncias não constituem problemas para nós. Porque a África é problema para vocês?" Jânio insistiu. De qualquer maneira, seria melhor política pensar numa África adulta. E confessa com amargura: "Mas foi tudo em vão. Salazar, que se imaginava eterno — essa a falácia dos ditadores! — acreditava na dominação eterna. Além disso, Portugal não tinha colônias. Tinha províncias representadas em Lisboa."

O ex-presidente traça um perfil de Salazar: "Não passava de um bom tesoureiro. Acabou edificando o governo rico de um povo pobre, limitado a fornecer mão-de-obra barata para uma Europa cara. Na faina de amearhar, sujeitou Portugal às nações industriais e manteve as colônias como vastas feitorias primitivas. Jamais acreditou na África adulta." Jânio relembra que enviou o Embaixador Negrão de Lima, após consultar o Ministro Afonso Arinos, em viagem de observação à África portuguesa, apesar do protesto do embaixador de Lisboa em Brasília, que

não admitirá espontaneismos nem minirrevoluções". Coincidência ou não, à mesma hora, os tanques, sempre enfeitados com cravos vermelhos, ocupavam o Largo do Rossio, onde a juventude extremista queria organizar uma manifestação. Um jornalista francês interroga o major sobre o estranho incidente ocorrido na véspera à noite, quando um grupo de extremistas tentou impedir o embarque de um contingente para Angola e acabou seqüestrando 12 soldados que, evidentemente, não puderam tomar o avião. Sereno, o major respondeu: "A notícia mais importante nesta ocorrência não me parece ser exatamente a manifestação ou o seqüestro dos soldados, em si. No meu entender, a notícia é esta: no contexto de liberdade que Portugal está vivendo há 10 dias, desses 12 soldados seqüestrados, um se apresentou imediatamente, nove se reintegraram às suas corporações assim que puderam, e fizeram questão de ser enviados para junto dos colegas, além-mar, porque estão conscientizados da nova missão que lá têm a cumprir. Tenho certeza absoluta que os dois outros se apresentarão quando puderem." De imediato, os dois problemas mais urgentes são a formação do Governo Provisório e o problema ultramarino.

OS militares procuram, propositadamente, evitar qualquer atitude pessimista ou negativa. E sorriem sempre, numa autoconfiança contagiante, já antevendo a imagem do novo Portugal. Lembram comovidos o espetáculo do dia 1.º de maio e mostram os cravos que até agora ainda enfeitam a arma das sentinelas. Recordam com ternura as lágrimas que rolaram pelas faces de todos os portugueses, quando Mário Soares, querendo ser a voz de todos os ofendidos e humilhados, proclamou perante as 350 mil pessoas concentradas no Estádio de Alvalade: "Valeu a pena sofrer tanto para viver este momento." Pelo testemunho dos mais velhos, nunca se viu tanta felicidade em Portugal. E nessas tardes deliciosas de primavera, ao ver os portugueses sorrindo pelas ruas da capital, uma estranha alucinação me faz ouvir a voz de Neruda recitando ao mundo em forma de autoplágio: "Eu vi explorar os gerânios nas varandas de Lisboa."

considerava a viagem como intromissão indevida nas províncias de Portugal. O relatório de Negrão ratificou plenamente as apreensões do presidente. Passa depois ao episódio do navio Santa Maria, seqüestrado pelos companheiros do Capitão Henrique Galvão:

"QUANDO dei asilo aos seqüestradores, Salazar pareceu esquecer que o Brasil era soberano. Tive que fazer-lhe ver que meu governo era dono de suas decisões. Telegrafei a Salazar do alto-mar, quando soube da morte do General Delgado, trucidado a pauladas, com a brasileira que o acompanhava. Assinei "ex-presidente". Salazar recebeu o telegrama. Quando o navio em que eu viajava atracou em Lisboa, a PIDE o invadiu e o interditou. Esse o homem e o rancor que o animava." E o ex-presidente conclui: "O pronto reconhecimento de Spínola pelo Brasil tem alto significado. A obra de construção com que se defronta Portugal é das mais ingentes do século. Derrama-se por dois continentes. É nossa também. Se esta obra for impossibilitada, Salazar poderá ressurgir. Em qualquer dos extremos."

# A HISTÓRIA SECRETA DA REVOLUÇÃO

Portugal

Numa entrevista exclusiva a MANCHETE, o capitão que liderou a ação dos rebeldes e recebeu a rendição de Marcelo Caetano descreve os últimos momentos do regime salazarista

O Capitão Salgueiro Maia, de 29 anos, foi o líder oculto do movimento militar que derrubou o regime salazarista em Portugal, e que está sendo conhecido como "a revolução dos capitães". Tendo tomado Lisboa com seus tanques e recebido pessoalmente a rendição de Marcelo Caetano, o capitão recusou-se a aparecer publicamente, negando-se inclusive a dar entrevistas. Abriu, no entanto, uma exceção ao jornalista português Adelino Gomes, seu colega de infância, dando-lhe o seguinte depoimento sobre os fatos do dia 25 de abril

**MANCHETE** — Como o senhor se sente depois da ativa participação no levante militar que derrubou o regime do Sr. Marcelo Caetano?

**Capitão Salgueiro Maia** — Se soubesse um terço das dificuldades por que ia passar, teria pensado mais vezes antes de me decidir. Contudo, sinto-me feliz por se ter concretizado aquilo a que me propus e por ter conseguido meus objetivos sem derramamento de sangue. Para um jovem que entrou para a Academia Militar com um alto ideal e que foi obrigado a perdê-lo gradativamente, um momento como o que vivi é plenamente recompensador. Sinto-me jovem, outra vez, com o mesmo ideal de antes.

**MANCHETE** — Como foi que o senhor recebeu ordem para executar o levante aqui na Escola Prática de Cavalaria?

**Capitão Maia** — O golpe ocorreu no dia 25 de abril e eu recebi instruções a respeito dois dias antes, às 22h30min. Percebi que, naquele mesmo instante em que recebia a ordem, passava a ser seguido por dois agentes da Direção Geral de Segurança (ex-PIDE), que me acompanharam num Toyota amarelo, chapa LA 90-83. Evidentemente, a placa era falsa, pois já tentamos identificá-la e nada consta no Departamento de Tráfego.

**MANCHETE** — A ordem foi transmitida pessoalmente ou por telefone?

**Capitão Maia** — Eu deveria receber uma chamada telefônica de Santarém. A senha era: "Tinha chegado aquilo que eu procurava." Fui a um café confirmar quem eram os indivíduos que contactariam comigo, pois temia que alguém atravessasse o nosso circuito. Verifiquei que os elementos eram de minha confiança. Demos uma volta pela cidade enquanto me colocavam a par do que haviam feito e me transmitiam a ordem para executar o movimento.

**MANCHETE** — Isso foi no dia 23. E o que fez nos dias seguintes?

**Capitão Maia** — Sem que ninguém percebesse, tomando diversas precauções, comecei a pedir aos comandantes de esquadrão que era necessário termos as viaturas testadas e munições. A medida que transmitia essa ordem, pude ir fazendo meus contatos, e através da reação de cada comandante podia considerá-lo um aliado. Depois da intenção de Caldas da Rainha, os militares passaram a ser severamente vigiados pelo regime deposto. Sabia-se que os capitães preparavam "qualquer coisa". Na imprensa e na polícia havia rumores de que os militares conspiravam. A vida militar tem uma característica: ela se assenta na camaradagem e na amizade. Esses sentimentos se afirmam nas horas mais difíceis. Além dis-

so, a maior parte dos oficiais milicianos que ali serviam tinham sido combatentes no Ultramar. Esses milicianos são militares que, depois de terem servido os quatro anos de convocação, resolvem continuar na carreira. Portanto, a nossa amizade para com eles não era casual nem fortuita.

**MANCHETE** — Apesar disso, houve o fracasso de 16 de março deste ano, em Caldas da Rainha. Porquê?

**Capitão Maia** — Aquele movimento fora previsto para o dia 23 de março. Estávamos ainda em trabalho de preparação, procurando contatos e planejando a operação. Não se pode ainda avaliar o fracasso daquele movimento, nem determinar as suas causas. Estou convencido de que a própria DGS conseguiu infiltrar-se na operação, lançando uma isca para ver quem a mordida. Aquela unidade saiu à rua, mas não havia nenhum compromisso de outras tropas seguirem o seu exemplo. Seria uma loucura se o fizéssemos. Como iríamos para Lisboa sem saber quais as tropas que estavam do nosso lado? Para derramar sangue em vão? Um outro motivo, de ordem técnica, também influiu em nossa atitude de então: não se coloca uma tropa na rua de um momento para outro, principalmente em nosso caso, que é o de uma unidade blindada. Praticamente, temos em nosso quartel a maioria das viaturas do Exército português e a totalidade daqueles que as conduzem. Sem estarmos tecnicamente preparados, nada poderíamos nem deveríamos fazer naquela ocasião. Chegamos a telefonar, às 3h30min, para Caldas da Rainha, informando que não iríamos sair e que as notícias referentes a uma rebelião no Porto eram simples boatos. A resposta que nos deram foi dramática. Disseram: "Já estamos metidos no levante até o pescoço e temos de ir até o fim de qualquer maneira!"

**MANCHETE** — Em sua opinião, o levante de Caldas da Rainha atrasou ou acelerou o movimento?

**Capitão Maia** — A situação ficou mais complicada por o nosso lado, porque os políticos esqueceram-se de que o nosso sentimento de camaradagem impede que fiquemos impassíveis diante da prisão de nossos amigos e companheiros de armas. De março em diante, se não tínhamos ainda um denominador comum para efetuar a sedição, passamos a tê-lo.

**MANCHETE** — Então o levante de Caldas da Rainha foi decisivo?

**Capitão Maia** — O descontentamento geral já existia. O caos já estava instalado. Depois do levante, entrou apenas um dado pessoal em nossa crise: nossos amigos estavam presos. Só poderíamos libertar nossos camaradas mudando o regime.

**MANCHETE** — Como foi conseguida, no seio de uma classe elitista, fiel servidora do regime salazarista, uma união tão grande em torno de certos princípios que os observadores internacionais consideram progressistas? O programa das Forças Armadas que deram o golpe do dia 25 coincide, em suas linhas essenciais, com os programas que a Oposição Democrática vem reivindicando desde 1945. Isso se deve ao clima emocional dos últimos acontecimentos ou a uma efetiva politização da classe militar?

**Capitão Maia** — Qualquer decisão que se tome é política. Mesmo com as restrições impostas pela Censura, a realidade portuguesa já era bastante dramática para sabermos que devíamos mudá-la. Não era aquela a sociedade ideal pela qual queríamos lutar ou morrer. Foi em torno desta base que assentamos nossa estratégia. Para se ter um juízo do que fermentava nas classes militares, basta citar o seguinte fato: havíamos nomeado três comissões para estudarem três diferentes aspectos da problemática nacional. Elas funcionaram autonomamente e, em seguida, cada qual emitiu seu parecer. Uma semana depois, saiu o livro do General António de Spínola, Portugal e o Futuro. Pois muito bem: os três pareceres feitos pelas nossas comissões e o livro do general eram uma coisa só, completavam-se, tinham as mesmas linhas gerais. Esta coincidência não podia ser gratuita. Sentimo-nos encorajados a continuar na luta, pois estávamos no bom caminho. Por formação, o militar português diz preto quando é preto, e branco quando é branco. Nunca diz cinzento. Tirante os exemplos de De Gaulle, na França, e do próprio Spínola, na Guiné, nós tínhamos consciência de nossa incapacidade para assumir o comando da situação, depois que rompéssemos as estruturas de 48 anos de salazarismo. Assim, o livro do General Spínola foi um presente que nos caiu do céu. Sabíamos que, havendo em Portugal um homem como ele, e a nosso lado, a nossa obrigação era sair à rua.

**MANCHETE** — Voltemos ao dia 25. Quando e como veio a ordem para atacar?

**Capitão Maia** — Da Rádio Renascença, com a leitura dos primeiros versos da canção: Grândola Vila Morena/Terra da Fraternidade/O povo é quem mais ordena/Dentro de ti, oh Cidade! O locutor leu esses versos e logo a seguir a rádio transmitiu a canção na voz de José Afonso. Era a ordem para a ação. Passavam 30 minutos da meia-noite.

**MANCHETE** — Qual foi o primeiro movimento?

**Capitão Maia** — Tentar aliciar o subcomandante da unidade, que não aderiu. Demos ordem para acordar todo o pessoal. Cada comandante de esquadrão explicou a seus homens o que ia acontecer. Esta era a hora mais importante, a mais decisiva. A participação da nossa escola era imprescindível ao movimento, devido ao nosso poder de fogo. Mas tínhamos de contar com a adesão de cada homem, de forma incondicional. Felizmente, tudo correu bem. Tivemos até um problema por causa disso: todos queriam partir. O nosso efetivo é de 500 homens, mas só saímos com 240, ou seja, 160 atiradores e um esquadrão de reconhecimento com 10 viaturas blindadas. Por-



O Capitão Salgueiro Maia servia na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém. Comandou as tropas dessa unidade, chegando a Lisboa, tomando o Quartel-General do Carmo e prendendo Marcelo Caetano.

tanto, a maior parte da nossa tropa teve de permanecer no quartel. Se as coisas corressem mal, podíamos contar com eles, pois nos entrenchinaríamos na própria escola. Se o movimento falhasse, o nosso último reduto seria a cidade de Santarém, onde nos instalaríamos defensivamente, ocupando a ponte sobre o rio Tejo, a estação ferroviária e as comunicações telefônicas.

**MANCHETE** — Estavam em condições de resistir por muito tempo?

**Capitão Maia** — Sem dúvida. A nossa defesa duraria até que outras unidades se revoltassem também. Nunca nos renderíamos, em hipótese alguma.

**MANCHETE** — Encontraram alguma resistência até Lisboa?

**Capitão Maia** — Encontramos algumas patrulhas normais da Guarda Republicana (GNR). Logo que saímos, a polícia avisou que havia movimento de tropa, mas de Lisboa responderam que tudo estava normal, tratava-se de alguma manobra rotineira. Por tudo isso, não tivemos problemas no caminho. Nossa principal preocupação era com o estado das viaturas blindadas. Muita gente acha inacreditável, mas, depois de uma parada ou de um desfile de alguns quilômetros, muitas delas enguiçam. Nos dias anteriores, usando pessoal não muito especializado, fizemos as revisões possíveis no material, mas tínhamos não poder chegar a Lisboa com aquele efetivo. Afinal, devíamos vencer a distância de 90 quilômetros que nos separam da capital. Por sorte, o único problema foi um pneu estourado num dos carros. Considerando nossas deficiências, fizemos o percurso em tempo recorde, num ritmo vertiginoso para as nossas viaturas: 60 km horários.

**MANCHETE** — Os blindados não entrariam depois de outras tropas da própria capital terem se revoltado?

**Capitão Maia** — Nossa urgência era ditada por um fator importante: não queríamos provocar alarme. Caso contrário, encontraríamos barreira à entrada da cidade. Às 6 horas da manhã já tomávamos posição no Terreiro do Paço.

**MANCHETE** — E dentro de Lisboa não encontraram nenhuma resistência?

**Capitão Maia** — Cruzamos com dois ou três carros da patrulha da Polícia de Segurança Pública, cujos ocupantes nos olharam espantados. Passamos depois pela Polícia de Choque, que cercava o Quartel General, a esta altura já ocupado por tropas revoltadas.

**MANCHETE** — A sua missão qual era?

**Capitão Maia** — Ocupar a Rua Marconi, o Banco de Portugal e a zona dos ministérios. Mas, quando ali cheguei, percebi que a 1.ª Divisão da Polícia e a Câmara Municipal ficavam dentro da minha zona e resolvi ocupá-las também. Foi então que apareceu o comandante da 1.ª Divisão, que me interpelou. Respondi-lhe que não era momento para derrubar o regime, que ele devia se decidir a ficar a meu favor ou contra. No mesmo instante resolveu ficar a favor. Em face disso, ordenei-lhe que tivesse conta do tráfego local, pois era dia de trabalho e nós havíamos feito barricadas nas ruas da Baixa.

**MANCHETE** — Houve algum momento crítico no Terreiro do Paço?

**Capitão Maia** — Sim. Vindo dos lados do Cais

do Sodré, apareceu uma força constituída de viaturas blindadas e atiradores, sob o comando do Brigadeiro Reis. Foi um instante dramático, pois aquele militar ordenou fogo diversas vezes, inclusive quando a ele me dirigiu, de lenço branco na mão, a fim de parlamentar. Felizmente, suas ordens não foram obedecidas pelo alferes que comandava os blindados. O brigadeiro prendeu o seu sobornado e isso nos salvou de um combate. Metade das tropas dele rodaram suas torres e vieram para o nosso lado. A outra metade não teve tempo de aderir, pois comuniquei ao brigadeiro que dominava totalmente a situação e que qualquer resistência dele seria suicida. Imediatamente informei ao nosso posto de comando que já tinha a situação sob controle e que devia partir em busca de objetivos mais úteis ao movimento. Recebi, então, a incumbência de conquistar o comando da Legião Portuguesa, na Penha de França, e o Quartel-General do Carmo. Foi então que se deu a vitória da Revolução. Quando marchamos para o Carmo, recebemos uma grande ovação popular e nenhum dos meus soldados teve dúvida do sucesso. Quando chegamos ao Carmo, estávamos certos de que o regime havia caído. E foi no Carmo que ocorreu o episódio da rendição do Sr. Marcelo Caetano. De início, registramos alguns mal-entendidos entre a tropa que chegava (a minha) e a guarda que permanecia fiel ao regime anterior. Houve tiroteios. Mas finalmente consegui penetrar no Quartel-General. Indicaríamos o salão nobre, onde o ex-presidente do Conselho permanecia. Estava sozinho. Disse-me: "Já sei que não governo, só espero que me tratem com a dignidade com que sempre vivi. Dei ao país o melhor que sabia e podia, e a minha consciência não me acusa." Respondi-lhe que tinha ordens de garantir a sua dignidade e que ele seria embarcado num blindado para destino que eu ignorava. A partir daquele instante, ele estava à disposição do comando do movimento. Perguntou-me então qual era a nossa posição política. Disse que não a podia precisar no momento, mas que alguém o faria, mais tarde. Indagou-me sobre os nossos chefes e eu afirmei que só conhecia dois deles: os Generais Costa Gomes e António de Spínola. O Professor Caetano perguntou ainda sobre a nossa posição em relação ao Ultramar. Deixou escapar um comentário: "Acho que não é com o golpe de estado que se resolve o problema do Ultramar." Ele estava nervoso, mas manteve um comportamento digno. O único problema foi de ordem formal. Marcelo Caetano queria que algum general comparecesse ao Carmo, para receber o poder de suas mãos. Antigo professor de Direito Constitucional, ele fazia aquela exigência ignorando que o poder já não estava mais em suas mãos. No fundo, ele achava descabido entregar o poder a mim, um simples capitão. Mas não era eu quem o estava destituindo. Nas ruas, o povo já tinha novo governo, nova política. Seguiram-se algumas negociações entre Spínola e Caetano, através de Feitor Pinto, e a situação felizmente se resolveu com dignidade de parte a parte. Quando o povo soube que Marcelo Caetano embarcava na viatura blindada, explodiu de alegria. Era o fim do regime. Nosso movimento vencera, sem derramar o nobre sangue lusitano.

SENSACIONAL



# CAETANO E TOMÁS NO EXÍLIO

EXCLUSIVO

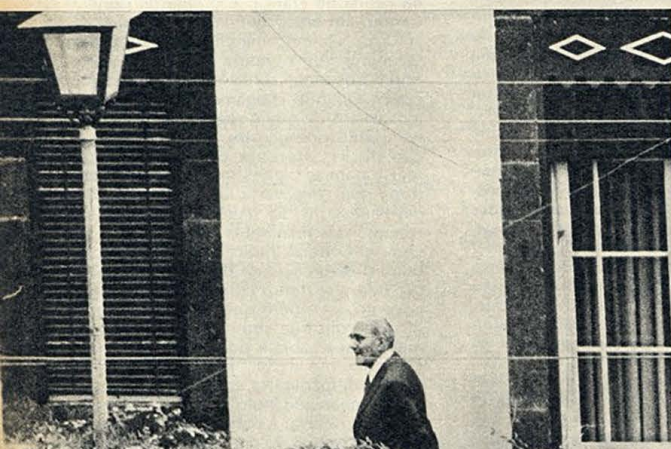
**Os dirigentes supremos do antigo regime português aguardam, em Funchal, as decisões da junta de Lisboa sobre seu destino**

O ex-presidente do Conselho de Portugal, Marcelo Caetano, o presidente deposto Américo Tomás e os ex-ministros que com eles se encontram no Palácio de São Lourençolem Funchal, ilha da Madeira) estão sendo tratados com "urbanidade e cortesia". É a própria filha de Caetano, Ana Maria, 35 anos, quem faz estas revelações a um jornalista inglês.

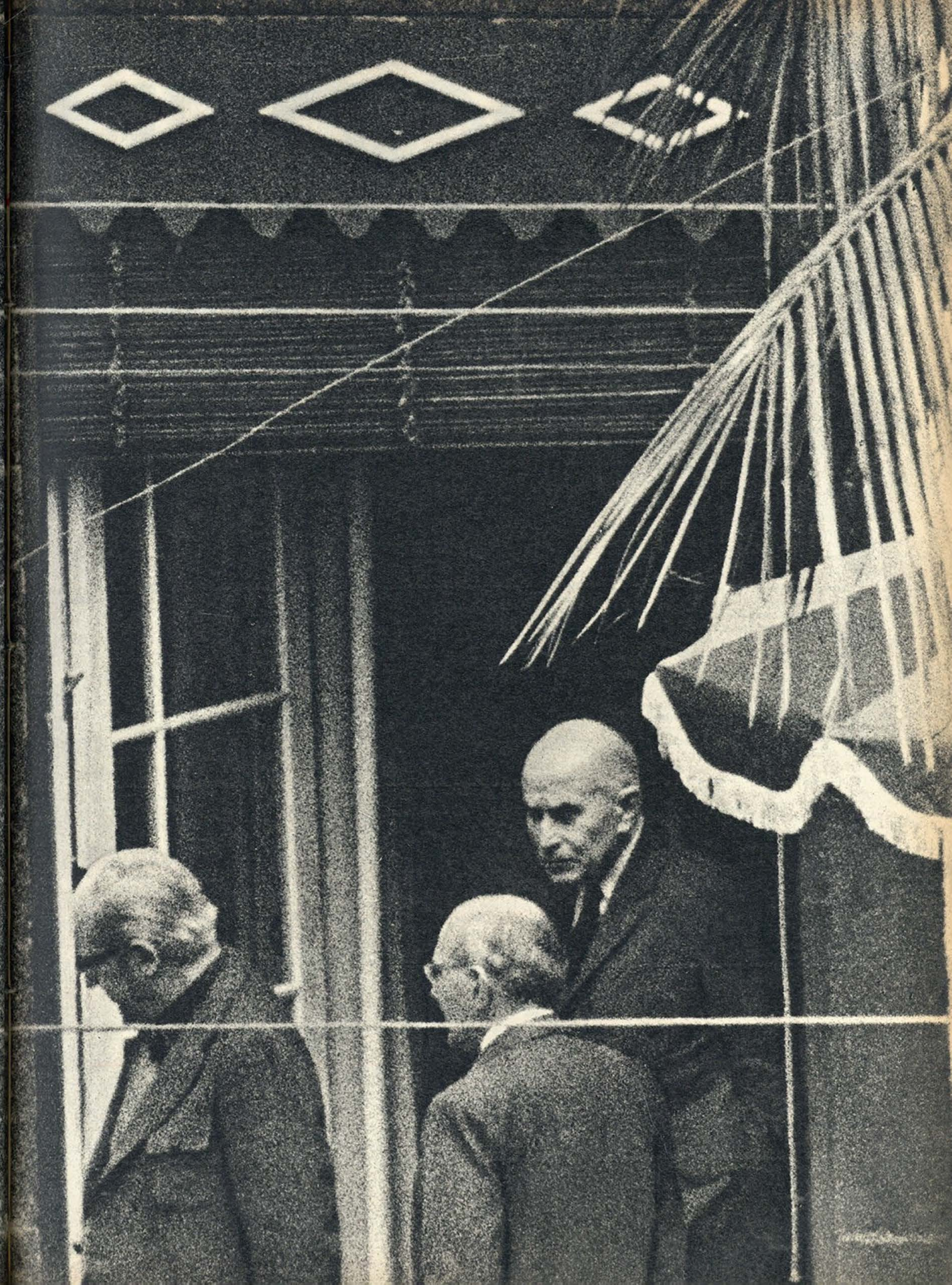
"É claro que todos eles estão preocupados com o futuro — esclarece Ana Maria — porque tudo foi rápido demais. Mas são bem tratados, apesar de não poderem sair do palácio." Em compensação, ela pode passear livremente pelas ruas de Funchal. Não fala sobre política porque "não é assunto seu". Tem amigos em Funchal, mas prefere permanecer ao lado do pai, que, como ela, mantém agora, na adversidade, "a mesma tranqüilidade espiritual que procurava conservar no poder". Ana Maria conclui: "Tudo passa neste mundo."

Reportagem E. Baião (Gamma)

Da esquerda para a direita: Ana Maria Caetano; o ex-Ministro do Interior Moreira Batista; o ex-Premier Marcelo Caetano e o presidente deposto Américo Tomás, no exílio da ilha da Madeira.



No alto, Marcelo Caetano, surpreendido no exílio pela teleobjetiva indiscreta. Ao centro, o ex-presidente do Conselho de Governo de Portugal passeando nos jardins do Palácio São Lourenço, onde está confinado. Acima, sua filha, Ana Maria, fotografada nas ruas de Funchal por um repórter do jornal inglês Daily Mail.



CARLOS LACERDA escreve

# PORTUGAL JÁ NÃO ESTÁ SOZINHO

O General Spínola parece saber muito bem por onde vai. Isto porque não tem medo dos riscos de radicalização e tumulto em Portugal, depois de tanto imobilismo e tanta valorização da ordem. O movimento militar que procura aliviar Portugal do peso de uma longa ditadura e de uma guerra que já demorou demais não deixa muito tranqüilos — embora muito alegres — os amigos que Portugal tem no mundo; e acredito que muitos portugueses também estejam inquietos ante o rumo dos acontecimentos depois daquelas 12 horas decisivas que mudaram — a partir de um livro dois meses antes publicado — o rumo da pequena-grande nação.

A adesão, a perseguição e a competição desenfreadas são alguns dos perigos que o golpe militar está correndo. A adesão faz pensar naquela advertência do quinhentista Gil Vicente: "Cedo não há de haver vilões! Todos del-rei, todos del-rei!" A perseguição, a partir dos ódios levantados pelos que torturaram, espiaram e delataram tantos anos os portugueses toma aspectos odiosos, como esses de deixar à mercê de outras tantas delações e da álaque, e irresponsável ira das multidões, em sua fúria desencadeada, culpados que devem sempre direito de defesa, inocentes que têm o direito de não precisar provar sua inocência. Isso de condenar pessoas sem defesa e obrigar a provar sua inocência é o mais odioso privilégio de qualquer ditadura. A competição pelo controle ou, pelo menos, por influências decisivas no poder, toma os aspectos costumeiros: os comunistas e seus assemelhados procuram ganhar a rua, ou seja, tomar a vitória das mãos dos democratas. Estes ganharam com os tanques dos militares, pois não havia resistência civil organizada para liderar uma revolução. Ou se havia não chegou a atuar, pois as Forças Armadas dispensaram-na. Ai é que começa uma realidade que o medo vão das pessoas e a superficialidade crônica da informação arriscam a deformar ou desconhecer.

Está em primeiro lugar a tradição democrática e libertária de Portugal. Em segundo, mas condicionando a primeira, os usos e costumes dos golpes militares. Em terceiro, a formação e a orientação de seu chefe, o General António de Spínola — cuja família, de origem italiana, mereceu um livro que acabo de encontrar, por uma das tais coincidências, que de tão frequentes já não me assombra, numa estante de velhas obras de segunda mão na pequena livraria de minha amiga Zelinda Castelo Branco, em São Paulo (*Istoria Della Famiglia Spínola Descrita Dalla sua Origine Fino ao Secolo XVI*, editado em Placencia, na Itália, em 1694).

A batalha pela influência na África está armando, mais do que de simples argumentos, as superpotências e seus satélites. Ninguém se iluda. As Forças Armadas por-

tuguesas não se levantaram para entregar a África portuguesa a novos tipos de colonialismo, ou de domínio econômico. É preciso ler *Portugal e o Futuro* com o entendedor aceso e não em função de idéias preconcebidas, que desfiguram no leitor o que o autor procurou dizer. Está ali dito muito claramente que se deve dar solução política à situação do Ultramar português. Mas solução, não dissolução. O que o General Spínola conclui é simplesmente isto: o Exército resistiu e dominou a guerrilha por tempo suficiente para que houvesse solução política. Foi esta que Marcelo Caetano não soube ou não pôde (ou não pôde por não saber) obter. Spínola pretende que a ela se chegue por decisão do povo português. Ou seja: pela prática dos métodos democráticos de comprovação da vontade de um povo. A maioria quer a independência? Pois há de tê-la. A maioria quer a autonomia, no quadro de uma federação, como propõe o general? Pois há de tê-la, com maior facilidade ainda, pois essa é a tese do chefe da Junta de Salvação Nacional e, portanto, será a da própria junta. Sobre isto há muito que documentar e que raciocinar. Mas, voltemos a Portugal europeu onde estes dias se processa um milagre nas ruas: um povo reaprende a usar a liberdade.

Reaprende? Eis o que resta saber. Com a mesma desenvoltura com que ocupou o palácio da Via delle Botteghe Oscure, em Roma, ainda quando nem acabara de cair o regime fascista e o ocupante nazista não saíra da cidade, o Partido Comunista tentou ocupar o palácio em que estava a Legião Portuguesa, ao lado do Teatro D. Maria I, em frente ao Rossio. Foi convidado a sair do palácio e a cessar as ocupações arbitrárias, por quem lhe conhecesse as táticas e, por isto mesmo, não as teme tanto quanto os que o convertem em bicho-papão. Um pouco mais, o Partido Comunista terá esgotado suas operações habituais, que consistem em tentar aumentar sua influência explorando os êxitos alheios.

SEM dúvida, ele foi o único movimento organizado, que, na clandestinidade, pôde lutar contra a ditadura. Mas foram as Forças Armadas, e só elas, que conseguiram derrubá-la. É norma das ocupações militares — e a inspiração libertadora não exclui, materialmente falando, a idéia de uma ocupação militar de Lisboa pelas forças militares que instituíram a Junta de Salvação Nacional — deixar o povo se expandir nos primeiros dias. No caso, essa norma é ainda mais evidente, pois se estende à volta dos exilados, ao festivo desembarque dos líderes, dos revolucionários históricos. Alvaro Cunhal, tradicional líder comunista, desembarca em Lisboa como Luís Carlos Prestes saiu da penitenciária: uma respeitável e lendária figura de alguém que se sacrificou por uma causa. Se houver Senado, ele será sena-

dor. E certamente será eleito à Assembléa Constituinte. Mas, daí a ministro...

A não ser que — a não ser que a tática magistral do General Spínola o obrigue a ir ainda mais longe.

Em que consiste essa tática? Ai é que qualquer explicação depende, fundamentalmente, de se haver lido seu livro. Do contrário, teria eu que resumir-lo aqui, o que nos levaria muito longe.

MAS o que se pode resumir dará — espero — para entender. Portugal, cada vez mais isolado pela ditadura e por sua política coerentemente ditatorial na África, dogmática, imobilista, não conseguiu acelerar os passos tardios que Marcelo Caetano tentou para atualizar o seu país. Era impossível salvar, ao mesmo tempo, a África portuguesa e a ditadura em Portugal. Esta tornava a outra extremamente vulnerável à crítica e à ação das potências estrangeiras. Assim, pouco a pouco, Portugal foi se reduzindo, em matéria de apoios, à União Sul-Africana, ela própria vulnerabilíssima, à Rodésia, que os ingleses não podem suportar, o que dificulta a desejada ajuda da Inglaterra; alguns apoios escondidos, de países que vendem armamentos ainda mais do que idéias, e, finalmente, e sempre, ao Brasil.

A luta contra Portugal na ONU começou em 1960 com a proposta do russo Kruchev, mas continuou no ano seguinte com uma proposta da Libéria que, na sua independência continua a ser um ponto de apoio norte-americano na África.

É então que a abertura para o Leste, feita pela junta, se revela um ato magistral de legítimo oportunismo político em favor de sua pátria. Quando o socialista Mário Soares, de volta do exílio, recebe da junta a incumbência de ir obter do governo trabalhista inglês, do governo social-democrático da Alemanha Ocidental, mais do que o reconhecimento, a simpatia, numa manobra que se estendeu a Mitterrand, candidato socialista na França; quando Spínola recebe o comunista Cunhal como comovido abraço, está — no primeiro caso — desarmando as prevenções dos socialistas, e no segundo, desarmando a União Soviética em relação a Portugal.

Negociar com os guerrilheiros seria prematuro e imprudente. O natural, nas condições atuais, é que a guerrilha se intensificasse a ponto de se tornar insuportável na Guiné, ameaçadora em Moçambique e de novo, como nos idos de 1960-61, inquietante em Angola. Ora, em Angola ela está contida há anos — fato que a propaganda antiportuguesa finge ignorar e a propaganda portuguesa não soube explorar. Em Moçambique, o surto principal não é russo, é chinês, portanto a Rússia não tem interesse em ajudá-lo. Ali, nem sequer conseguiu unidade o movimento antiportuguês. Existe um grupo de inspiração

norte-americana, como existe um de influência russa, e outro — o mais ativo através da fronteira da Tanzânia, de comando chinês. Em Angola, a guerrilha é praticamente insignificante. A partir dos massacres praticados pelos guerrilheiros, vindos do antigo Congo Belga, crimes que o mundo logo esqueceu, e até alguns portugueses, mais empenhados em denunciar as violências da guerra, como se houvesse guerra sem violência, Angola recuperou uma paz raramente perturbada, na qual progride um surto que — em termos de África — é impressionante.

Tudo isto dependia da discutível neutralidade de grandes potências democráticas, do apoio — cada dia mais racionado e, mais do que reticente, já negativo — do Brasil. Agora, o General Spínola aplicando rigorosamente o que recomendou no seu livro, fez a grande abertura. Portugal já não está só. Portugal já poderá discutir com os líderes comunistas russos e seus satélites. Portugal já pode explorar, por sua vez, as contradições de aliados e de adversários.

A tradição literária explica os acontecimentos destes dias tanto quanto o irreprimível e salutar desbordamento do povo nas ruas, após tantos anos de compressão e silêncio. Se houver excessos em Portugal, a culpa ainda será da ditadura, que não terá deixado ao povo outra alternativa, e especialmente aos jovens negou o direito de aprender a viver democraticamente, isto é, com a dupla e insuperável regra de permitir a manifestação das minorias e respeitar, espontaneamente, a decisão das maiorias.

Uma tática militar, que vem dos chefes do passado mas hoje está exposta em livros como o *Manual dos Golpes de Estado*, que havemos de publicar, explica o comportamento

Na primeira semana de instalação da Junta de Salvação Nacional, o General Spínola fez questão de receber todos os que o procuravam para debate.



to da junta perante as manifestações de rua e alguns excessos, logo objeto de advertências sérias, para que não se perca a vitória e não se desperdice a liberdade apenas recuperada.

UM gênio político, que vem de longe, que tantas vezes desfaleceu mas outras tantas fulgurou na vida portuguesa, acaba de produzir mais um prodígio. Portugal, que estava só, tem hoje possibilidade de negociar politicamente soluções em todas as áreas. Só então, segundo parece, Spínola vai discutir com os guerrilheiros. Só então, feito presidente da República, no auge do seu prestígio popular e internacional, ele negociará por Portugal — em termos de prestígio, não de susto ou de iraqueza.

FELIZ a nação em que um general usa a força e a astúcia em benefício da liberdade e não contra ela. Em que o patriotismo é inseparável do respeito aos direitos do povo. Em que não se teme o risco que toda nação tem de enfrentar para ser verdadeiramente uma nação. O risco não se deve evitar porque é preciso vencê-lo. E que só vence quando se entende que um povo não pode viver protegido como uma criança ou um índio, seres legalmente incapazes de exercer seus direitos e enfrentar por conta própria os riscos da civilização.

A situação em que se encontra Portugal é animadora e confirma a nossa confiança no poder das idéias. Quem quiser entendê-la, tem de entender o que o General Spínola escreveu. A decisão sobre a África, disse Spínola, será tomada livremente por todo o povo português — inclusive os africanos, que assim se chamam por causa de um continente, não por uma nacionalidade ou uma raça.

Com ou sem independência, com ou sem

federação, a influência portuguesa na África está salva. Por uma decisão política, já nitidamente esboçada, as Forças Armadas ganharam a guerra. O resto, agora, são tarefas em que um socialista, como o Sr. Mário Soares, um democrata-não socialista, como o Sr. Sá Carneiro — que foi quem renunciou ao mandato e não o seu valoroso colega Francisco Balsemão, como escrevi semana passada — vão se empenhar. Os comunistas, estes, pensando que usavam o general para chegar antes dele e ocupar o vazio deixado pela ditadura, na preparação de outra ditadura, pelo visto enganaram-se. O general chegou antes. Tanto que os deixou entrar — de tal modo se sente solidamente plantado no campo das idéias que pregou e da ação que empreendeu.

Na *História da Revolução Portuguesa de 1820*, publicada no Porto em 1887 por José de Arriaga, "em co-propriedade com o cidadão brasileiro Frederico Augusto Schmidt" (sic), no Rio de Janeiro, está escrito: "O trono (português) dispunha no Rio de Janeiro de elementos poderosos para resistir às tendências democráticas, e proclamar o sistema democrático aconselhado pelo conde de Palmela, isto é, fazer as concessões que não se podia deixar de fazer; fortalecer o mais possível a autoridade real" (...)

O General Spínola parece disposto a repetir o caso. Ele usa uma tradição libertária e socializante que é antiga e muito enraizada em Portugal, apesar dos esforços de meio século de ditadura. Usa uma tradição ultramarina, de uma nação de várias raças e vários continentes, que não é como pensam muitos desatentos ou desinformados — criação da ditadura de Salazar e sim da mais sólida e autêntica tradição democrático-republicana. Usa as contradições das superpotências ora convertidas num desejo de garantir a paz pela ameaça da guerra, para retomar a liberdade de se entender com qualquer delas. Usa a recusa do Brasil em vincular a Portugal, isto é, à formação de uma comunidade luso-africana, sua política na África, para aliviar o peso em que a dependência portuguesa em relação ao Brasil na ONU reduzia em muito as possibilidades de Portugal obter o apoio das demais nações latino-americanas e explorar a contradição dos africanos, unidos nas moções da ONU, mas divididos por contradições, algumas delas insolúveis, dentro da própria África.

AGORA é a vez da palavra, a instituição africana que os portugueses trazem por parlatório. A sombra dos baobás, em Angola chamados imbanzeiros (se não me engano), começa a grande conversação. Portugal, libertado, pode agora retomar o lugar que por vocação, ainda mais do que por tradição, lhe compete. Um autor português já lembrara certa vez aquela frase de Goethe: "A História é o meio de que o homem lança mão para se libertar do passado."